

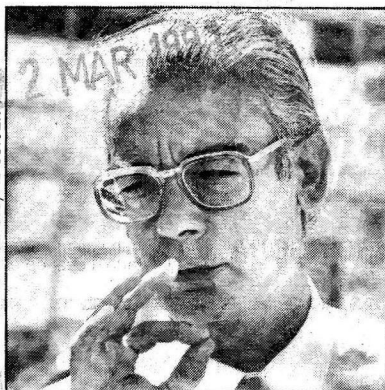
Divida Externa Credores ainda resistem ao acordo com o Brasil

Apesar dos progressos na negociação do acordo de reescalonamento da dívida externa em Nova York, o embaixador extraordinário, Jório Dauster, preferiu um tom cauteloso ao telefonar, ontem, para assessores da ministra Zélia Cardoso de Mello. "Não dá para falarmos em prazos", disse ele, referindo-se à data para o acerto do pagamento dos juros atrasados.

Fontes do Ministério da Economia confirmaram que o governo brasileiro alterou sua proposta original e aumentou para US\$ 1,9 bilhão o pagamento dos juros vencidos desde 1989, o que representa cerca de 24% dos US\$ 8 bilhões de juros atrasados. De acordo com a proposta feita por Dauster, o Brasil pagaria US\$ 560 milhões na assinatura do acordo e os restantes US\$ 1,36 bilhão seriam desembolsados em seis parcelas trimestrais. Os credores exigem o pagamento de US\$ 2,3 bilhões dos juros atrasados.

A prudência do embaixador, manifestada no telefonema de ontem, está relacionada à resistência de alguns bancos em aderir aos termos da negociação.

Segundo as fontes do Ministério da Economia, havia uma expectativa de que, na reunião realizada quarta-feira à noite,



Dauster:
"não dá para falar
de prazos".

em Nova York, os termos gerais entre o Brasil e os credores estariam fechados. O fato de o Brasil ter aumentado a proposta de pagamento de parte dos juros atrasados, de US\$ 1,6 bilhão para US\$ 1,9 bilhão, levou a uma interpretação precipitada sobre o resultado das negociações.

Não existe acordo também sobre a taxa de juros que incidirá sobre os bônus que serão emitidos como pagamento da parcela refinanciada dos juros atrasados. O negociador brasileiro ofereceu quarta-feira 6,8% de juros anuais mais 0,00625% de **spread** (taxa de risco). Os bancos queriam um percentual equivalente à taxa mínima da **Libor** (taxa interbancária de Londres), cerca de 7,6%.